

CONSUMOS E ABUSOS DE SUBSTÂNCIAS NA ADOLESCÊNCIA

2011

Cláudia Filipa Ribeiro da Rocha

Licenciada em Educação Social, pela Escola Superior de Educação de Bragança (Portugal)

E-mail:

claudia__rocha@hotmail.com

RESUMO

A adolescência é uma fase do desenvolvimento do indivíduo na qual existe um risco acrescido de início de consumos e abusos de substâncias. Deste modo, o presente artigo tem como principal objetivo fazer uma pequena análise de conceitos relativos a esta problemática.

Palavras-chave: Adolescência, comportamentos de risco, consumos

INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Não existe unanimidade relativamente às idades que delimitam a infância e a adolescência, não apenas devido às diversas teorias do desenvolvimento postuladas, mas porque cada indivíduo é diferente, e esta diferença apresenta-se também ao nível da maturação.

Contudo, podemos concordar que a puberdade é um aspeto indicativo do início da adolescência, abrangendo diversas transformações fisiológicas que variam entre rapazes e raparigas, e mesmo entre indivíduos.

Pode considerar-se que na pré-adolescência, assim como na adolescência propriamente dita, o grupo de pares é primordial, e o desenvolvimento de amizades nestas fases teriam como papel colmatar as lacunas do indivíduo, nomeadamente a sensação de isolamento, e promover competências de relacionamento e de intimidade (Sprinthall e Collins, 1999).

O jovem procura estabelecer a sua identidade, convivendo com o desconhecimento dos seus limites corporais, em constante mudança, e influenciado por diversos meios, particularmente pelo grupo de pares, mas também pelos pais, pela família em geral e mesmo pelos Media.

Fernandes da Fonseca (2004) introduz o conceito de linhas de fratura, equivalente ao que Sampaio (1993, *cit in* Fonseca, 2004) denomina de crise; para designar momentos críticos no processo de desenvolvimento do indivíduo que podem levar a um estado de descontrolo grave e originar condições patológicas que podem ser severas.

Esta fase etária conjuga a procura pelo estabelecimento da identidade e individuação, a procura de autonomia, e mudanças fisiológicas relevantes; a uma época de novas experiências sociais, na qual os amigos ganham supremacia face à família, e apresentam-se oportunidades para a experimentação a vários níveis, por exemplo a nível do consumo de substâncias, sejam elas tabaco, álcool ou drogas. A forma como o indivíduo vive estas novas experiências depende não apenas do processo de desenvolvimento da sua identidade mas também do suporte social, podendo levar ao desenvolvimento de diversos comportamentos de risco relevantes.

COMPORTAMENTOS DE RISCO NA ADOLESCÊNCIA

Lourenço (1998) refere o conceito de *sintomas – comunicação* para designar comportamentos patológicos diversos que servem uma função comunicativa, na medida em que expressam a depressão, a angústia e a ansiedade do adolescente sem que este tenha de a expressar verbalmente.

Uma das justificações para a prevalência de comportamentos de risco na pré-adolescência e na adolescência propriamente dita, prende-se com a noção dos limites que é inicialmente estabelecida pelos pais, particularmente pelo pai enquanto figura de autoridade, tendo a criança o papel de ser informada das regras e limites. Ao chegar á adolescência, desenvolve-se uma necessidade de testar por si mesmo os limites, de ver até onde consegue ir. Quando esta noção dos limites próprios é mal sucedida, podem desenvolver-se comportamentos de risco (Pommereau, 1998).

Também o grupo de pares predomina na origem destes comportamentos, e deve ser considerado como um fator de risco ou fator de apoio.

É frequente, por exemplo, que a realização de atos de violência ocorra em contexto de grupo, o que preenche a necessidade de pertença que o adolescente sente, embora seja na verdade uma ligação frágil baseada na questão da transgressão e de revolta quanto á sociedade, por não a considerarem eficiente no seu papel de suporte (Pommereau, 1998).

Esse grupo criado com base na transgressão e revolta abarca jovens que apresentam patologias individuais, e não internalizaram de forma sucedida os limites, o que os leva a agir sobre o princípio da satisfação imediata.

Uma outra manifestação de diversas problemáticas presentes nesta faixa etária diz respeito ao consumo de substâncias, que iremos aprofundar de seguida.

CONSUMOS NA ADOLESCÊNCIA

Importa desde logo diferenciar entre consumo de substâncias e dependência das mesmas. De facto, é possível que um jovem experimente tabaco, álcool ou mesmo drogas sem desenvolver adição às mesmas. Diversos fatores individuais influenciam o desenvolvimento de adição, tanto a nível mental quanto físico. Podemos no entanto concordar que existem diversos fatores de risco que potenciam a adição, tais como a vivência de severos traumas na infância e pré-adolescência, perturbações do comportamento, meios familiares desestruturados, perturbações no desenvolvimento de relações sociais, entre outros (Tyrode & Bourcet, 2002).

Na adolescência o consumo de substâncias ocorre geralmente em grupo que serve uma função de promoção do consumo (Tyrode & Bourcet, 2002), de tal modo que inicialmente a dependência diz mais respeito ao grupo do que à substância. O grupo reforça o consumo, mas visto que o consumo afeta a auto – estima do indivíduo, torna-se cada vez mais difícil para ele deixar de consumir.

Os primeiros consumos são tendencialmente de *Cannabis*, quer por facilidade de acesso, quer pelo facto de ser o estupefaciente que acarreta menor reprovação social. Também comum é o consumo de produtos como colas que são fáceis de obter e aparentam menor risco o que potencia o consumo (Gammer & Cabié, 1999).

Os consumos iniciais são geralmente realizados em grupo com intuito recreativo, e não é necessariamente um comportamento patológico. As substâncias são usadas como forma de potenciar a desinibição ou para promover euforia (Braconnier & Marcelli, 2000).

Também o consumo de álcool é comum na adolescência, não se podendo necessariamente considerar um comportamento patológico, pelo que teremos de ter em consideração o contexto no qual o consumo ocorre, a frequência de consumos, assim como outros fatores indicadores de comportamentos aditivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Braconnier, A. & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi Editores

Fonseca, A. (2004). *A psicologia e a psicopatologia da infância e da adolescência* (2ªed.). Porto: Universidade Fernando Pessoa

Gammer, C. & Cabié, M. (1999). *Adolescência e crise familiar* (1ªed.). Lisboa: Climepsi Editores

Lourenço, M^a. (1998). *Textos e contextos da gravidez na adolescência* (1ªed.). Lisboa: Editora Fim de Século

Pommereau, X. (1998). *Quando o adolescente se sente mal* (1ªed.). Lisboa: Terramar

Sprinthall, N. & Collins, W. (1999). *Psicologia do Adolescente. Uma abordagem desenvolvimentista* (2ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Tyrode, Y. & Bourcet, S. (2002). *Os adolescentes violentos* (1ªed.). Lisboa: Climepsi Editores